

## ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL: RESSIGNIFICANDO CONEXÕES ENTRE CORPO-CIDADE-NATUREZA

Jordana Belem Rodrigues<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Associado/a/e ANPAP: Não

Larissa Patron Chaves<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Associado/a/e ANPAP: Não

### RESUMO

Essa escrita, parte de um projeto de pesquisa - em fase inicial - do doutorado em Artes<sup>3</sup> (PPG-Artes/UFPel) e aborda o contexto contemporâneo, destacando o extremo poder da natureza nos eventos climáticos, alinhando-se a uma proposta de arte-educação-ambiental. Busca-se, aqui, tecer discussões iniciais por meio de uma revisão bibliográfica de pesquisas que contribuem para refletirmos sobre a resignificação das relações entre nossos corpos e a cidade-natureza que habitamos, mais especificamente na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. Trata-se de pensar outras formas de nos relacionarmos com o meio ambiente por meio da arte-educação-ambiental, utilizando a experiência sensível como caminhos para transformar nossas percepções e subjetividades diante dos desafios ambientais contemporâneos.

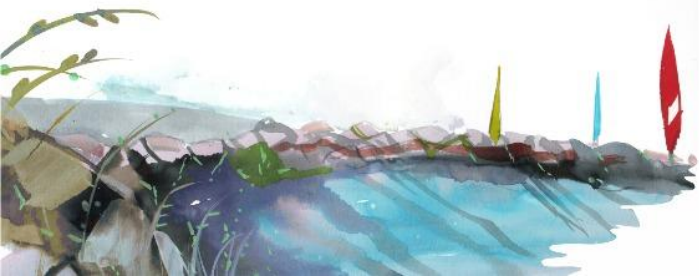
### PALAVRAS-CHAVE

Arte-educação-ambiental. Corpo-cidade-natureza. Cultura Visual.

A elevação das águas na cidade de Pelotas afetou muitas pessoas em diferentes localidades. O bairro onde habito desde a infância, o Laranjal, ficou praticamente todo coberto pelas águas da segunda maior enchente da história do Rio Grande do Sul, ocorrida em 2024. Esse acontecimento atravessou o meu corpo, fazendo-me perceber a cidade em que habito de outras maneiras. A experiência vivida durante este período ainda reverbera em meu corpo. Ao caminhar pelas ruas após o ocorrido, as marcas desse evento se materializavam em pichações, lambe-lambes e inscrições visuais que narravam a dor e a potência de resistir. Essas imagens do cotidiano urbano me provocaram a olhar para a cidade-natureza como um território pedagógico, no qual os rastros das águas despertaram o desejo de investigar mais profundamente a cultura visual e suas relações com a arte-educação-ambiental<sup>4</sup>.

Vivemos cercados por imagens e, como alerta Hernández (2007), é preciso ir além da mera contemplação, desenvolvendo um olhar crítico sobre as representações visuais

---



cotidianas. Nesse sentido, a cultura visual, emerge como um campo potente, com capacidade de transformar olhares, percepções, subjetividades e afetos. Ela potencializa a arte-educação-ambiental ao permitir a ressignificação das relações entre corpo-cidade-natureza.

Segundo Fernando Hernández (2007), a cultura visual é entendida como:

[...] uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. [...] do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo (2007, p. 22).

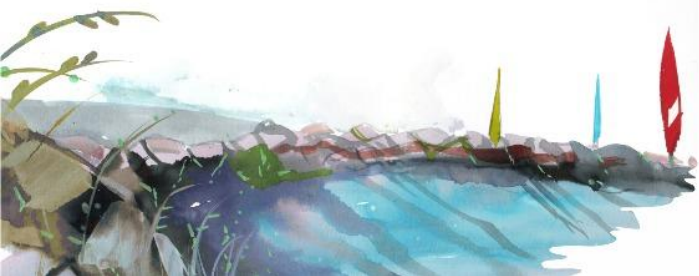
A cultura visual atrelada à arte-educação-ambiental pode ir além da mera contemplação estética, tornando-se um instrumento crítico de transformação. Logo, a análise crítica de imagens e outras expressões visuais permite desconstruir estereótipos, questionar padrões de consumo e estimular uma relação mais harmoniosa, sensível e responsável com o meio ambiente.

A arte-educação-ambiental é uma concepção pedagógica que integra a sensibilização estética em diálogo com o desenvolvimento da consciência ambiental, incentivando o olhar crítico, reflexivo, transformador e criativo sobre o mundo em que vivemos. No contexto atual, os desafios ambientais são cada vez mais urgentes. Assim, promover uma educação que una arte e meio ambiente torna-se fundamental para uma formação humana mais consciente e comprometida com a sustentabilidade e com a transformação social.

De acordo com Rita Rache (2016), a arte-educação-ambiental (AEA) trata-se:

[...] de uma ação educativa que articula as artes, as ciências, a educação, o campo ambiental e outros saberes, sendo a arte-educação e a educação ambiental sua base, assim como áreas de origem e formação das arte-educadoras ambientais envolvidas na pesquisa. Nossa tese é de que a AEA é um campo propício para desconstruir as dicotomias do pensamento moderno, rompendo com a hegemonia do pensamento científico nos processos educativos, pois ela opera com a racionalidade sensível, possibilitando-nos o autoconhecimento e o conhecimento do outro, de maneira que venhamos a estabelecer modos de interação sociedade-natureza e dos seres humanos voltados à formação de valores ecológicos e condutas sustentáveis (2016, p.10).

Essa passagem integra a tese de doutorado da autora, intitulada *Arte-Educação Ambiental, um constructo transdisciplinar*. Nela, Rache apresenta uma visão crítica da arte-educação-ambiental como uma prática transdisciplinar, integradora e transformadora. Essa abordagem possibilita o diálogo entre diferentes saberes no fazer pedagógico, promovendo uma formação mais sensível, que rompe com a separação entre razão e emoção, e valoriza um conhecimento construído de forma integral. Trata-se de uma formação que perpassa a proposta aqui apresentada.



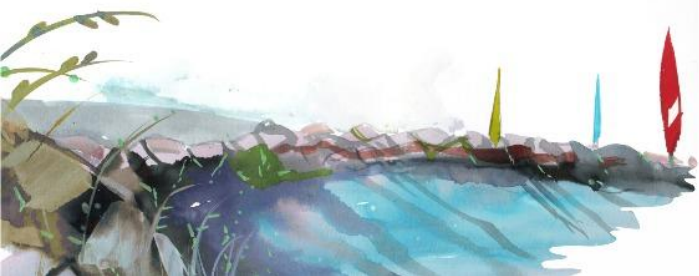
Para tecer outras/novas relações entre corpo-cidade-natureza e ressignificar nossos modos de vida, é preciso romper com crenças e preconceitos herdados da colonização – marcas que ainda resistem na sociedade. Inspirada por Krenak (2020), compreendo que tecer outras relações com a cidade-natureza é um exercício de invenção de mundos possíveis, de reconexão com o meio natural e com os modos coletivos de existência. Essa abordagem encontra ressonância na ecosofia de Guattari (1990), que propõe uma interdependência entre ecologia ambiental, social e mental, convocando uma educação que integre as dimensões sensíveis e coletivas. Nesse contexto, a arte assume o papel de experiência formadora, como ensina Dewey (2010), por estar enraizada no cotidiano e nos modos de viver.

Na prática docente, essa concepção se materializa em propostas em que o corpo aprende com a cidade. Ao explorar imagens e intervenções urbanas, promovem-se experiências estéticas que afetam e transformam os sujeitos. Ao mesmo tempo, os processos de criação possibilitam “aprender a olhar” e a “sentir com” os territórios que habitamos. A Proposta Triangular de Barbosa (2007), que articula fazer, apreciar e contextualizar, inspira esse movimento pedagógico, permitindo que práticas educativas dialoguem com o ambiente urbano e natural. Martins (2022) complementa essa abordagem ao defender uma educação que coloque o corpo em contato direto com a natureza e seus processos, criando aprendizagens que partem da experiência sensível. Como destaca Hernández (2000, p. 12), “a educação visual não se limita a ensinar a ver, mas a desenvolver a capacidade de interpretar e transformar o mundo visual que nos rodeia”. Assim, a cidade torna-se um ateliê vivo, capaz de ensinar por meio das suas imagens.

Para fundamentar este trabalho, é essencial recorrer a autores que dialoguem com a proposta aqui apresentada. A revisão de literatura permite identificar estudos que articulam a cultura visual à educação ambiental, fornecendo uma base teórica relevante para esta investigação, além de reforçar a aproximação entre teoria e prática.

A tese de Klug (2020) *“Entre ruínas e jardins: A cidade através dos deslocamentos de uma professora-artista-pesquisadora”*, reflete sobre os modos de ver e os afetos que nos atravessam, buscando compreender os processos de aprendizagem que se entrelaçam nas relações culturais, ambientais e subjetivas do cotidiano. Em um percurso de caráter autobiográfico ela investiga como a trajetória cultural e os regimes de visibilidade operam possibilidades, modos e contornos de ver e viver a partir da experiência com a cidade.

A tese de Sarlot (2016), intitulada *“O entrelaçamento entre o ensino de arte e a educação ambiental: para construir, compartilhar e pertencer”*, propõe múltiplos atravessamentos dentro do campo Educação Ambiental. A autora teve como objetivo principal compreender como o entrelaçamento entre o Ensino de Arte e a Educação Ambiental pode contribuir para o desenvolvimento do sentido de pertencimento, entendido como o “sentir-se parte”, numa relação que conduz à corresponsabilidade, à cooperação e ao compartilhar.



A dissertação de Miranda (2019), “*Ações Socioambientais e a Arte Urbana: possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite*”, investigou uma proposta educativa que utilizasse a linguagem do grafite para formar jovens estudantes e moradores da comunidade no exercício da cidadania e, sobretudo, no reconhecimento de sua história e identidade cultural local. A pesquisa também, enfoca na importância da preservação ambiental por meio de ações ecológicas e da arte urbana. Essas pesquisas podem se constituir como fonte de potência e inspiração para pensar um ensino de arte que possibilite a ressignificação das relações subjetivas entre corpo-cidade-natureza.

Vivenciar o espaço urbano com um olhar sensível, poético e crítico possibilita outros modos de relação entre corpo-cidade-natureza. Nesse contexto, a cidade pode ser compreendida como uma extensão da natureza humana, constituindo-se em um lugar de aprendizagem, expressão e transformação. Estimular um olhar sensível, curioso, poético, ético e estético em relação à cidade-natureza é fundamental para esta compreensão.

Abaixo (Imagem 1 e 2), podemos ver registros de intervenções urbanas relacionadas à cultura visual, que podem ser utilizadas em contextos voltados para temas que integram a educação ambiental e a arte.



Imagem 1. *Sticker* sobre a enchente de 2024 que atingiu também a Praia do Laranjal em Pelotas. Arquivo da autora, 2025.

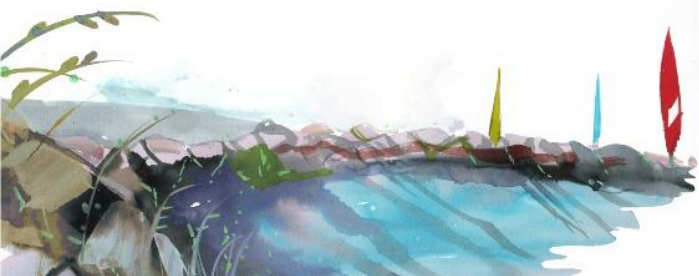


Imagem 2. Pixo na cidade de Pelotas - Que os ricos paguem pela crise climática. Arquivo da autora, 2025.

Discutir imagens que emergem das ruas em sala de aula pode abrir espaço para reflexões críticas e sensíveis sobre os impactos ambientais, além de promover a construção de outras relações e vínculos afetivos com o território. No contexto das enchentes, por exemplo, ao analisar coletivamente um pixo que diz “*Que os ricos paguem pela crise climática*” (Imagem 2), a discussão com os estudantes sobre desigualdade social e emergência ambiental ultrapassa o espaço da arte para dialogar com a vida.

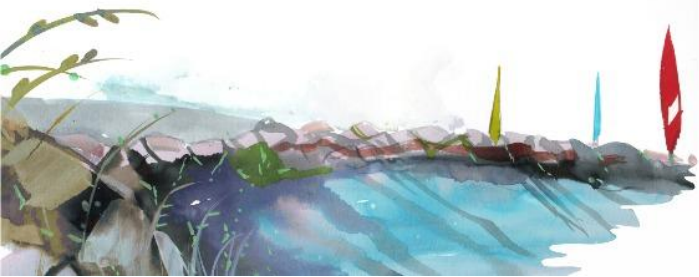
A arte-educação-ambiental, apoiada na cultura visual e na experiência sensível do corpo com a cidade-natureza, configura-se como uma prática crítica e transformadora. Ela busca estimular a imaginação, a reflexão e a criação de outras formas de relação entre os sujeitos e o meio ambiente, tornando-se essencial para reinventar os modos de habitar o mundo.

Este espaço urbano-natural deixa de ser apenas cenário e se transforma em território de aprendizagem e de criação. O corpo atua como mediador sensível de viver o processo de experiência e de imaginação crítica. Ao integrar teoria, prática, corpo, território e subjetividade é possível promover uma educação que une saber, sentir e cuidar. Assim como nos diz Paulo Freire (1992), educar é um ato de resistência e de esperança; no encontro entre imagens urbanas, natureza e arte, abre-se a possibilidade de construir novas formas de habitar o mundo, mais éticas, sensíveis e solidárias.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cecília Listo. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1990.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Penso, 2000.

KLUG, Alessandra. **Entre ruínas e jardins**: a cidade através dos deslocamentos de uma professora-artista-pesquisadora. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2020. Disponível em: [Repositório UFSC](#). Acesso em: 27 maio 2025.

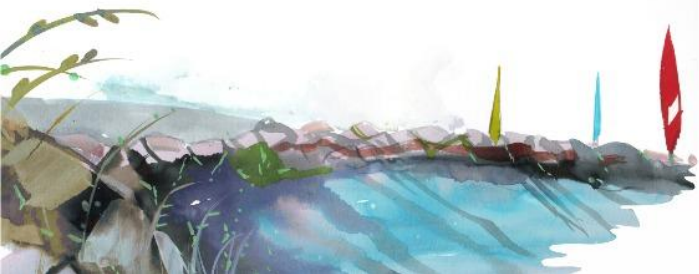
KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, Mirian Celeste. **A casa e a cidade como espaços plurais para encontros com a arte**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 42, n. 127, p. 13-28, maio-ago. 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/gKq8vBqjLvvpjs7swmkDqjg/>. Acesso em: 15 de julho de 2025.

MIRANDA, Graziela Gonçalves de. **Ações socioambientais e a arte urbana**: possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite. 2019. 304 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [https://mestrados.uemg.br/phocadownload/userupload/lucas.santana/DISSERTACA O2019\\_9.pdf](https://mestrados.uemg.br/phocadownload/userupload/lucas.santana/DISSERTACA O2019_9.pdf). Acesso em: 27 maio 2025.

Rache, Rita. **Arte-educação Ambiental, um constructo transdisciplinar**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2016. Orientadora: Cláudia Pato. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/899518>. Acesso em 15 jul. 2025.

SALORT, Michelle Coelho. **O entrelaçamento entre o ensino de arte e a educação ambiental**: para construir, compartilhar e pertencer. 2016. 304 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, 2016. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/2068>. Acesso em: 27 maio 2025.



WILLMS, Elni Elisa; COSTA, Rafael Nogueira; ALMEIDA, Rogério de; SATO, Michéle (Orgs.). **Sementes da arte-educação-ambiental**. São Paulo: FEUSP, 2024.

## Notas

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (UFPEL), Especialista em Educação (IFSul-Pelotas) e Mestre em Artes (UFPEL). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes na Universidade Federal de Pelotas e Bolsista CAPES. <http://lattes.cnpq.br/8361480641437320>.

<sup>2</sup> Professora associada do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Artes Visuais (UFPEL), Mestra em História (PUC-RS), Doutora em História (Unisinus), Doutora em História (Unisinus) e Pós Doutorado em História (CICP - Universidade de Évora/Portugal) e Pós Doutorado na Escola Superior de Arquitetura (Universidade de Granada – Espanha). <http://lattes.cnpq.br/3858201697400054>.

<sup>3</sup> Um dos principais disparadores de interesse neste campo de pesquisa e estudo, foi a enchente que atingiu o estado do Rio Grande do Sul em 2024, uma das maiores da história. A mesma atingiu a cidade de Pelotas e o bairro onde habito desde a infância, o Laranjal.

<sup>4</sup> Conceito que une arte-educação e educação ambiental, podendo ser aprofundado no livro “Sementes da arte-educação-ambiental (2024)”: Disponível em <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1358>.